



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 21-12-2021 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5084>

RELIGIÃO E REPRESENTAÇÃO FEMININA: UMA ANÁLISE EM *EXÍGUAS* DE OSVALDO CHAVES

RELIGION AND FEMALE REPRESENTATION: AN ANALYSIS IN EXIGUOUS OF OSVALDO CHAVES

Priscila Magalhães Pereira¹

Mary Nascimento da Silva Leitão²

RESUMO: O presente ensaio objetiva identificar a presença do modelo de mulher estabelecido pela Religião Católica Romana nos poemas “Gênese” (1942), “Antigênese” (1942) e “O Sino de Aparecida” (1946), do escritor cearense Osvaldo Chaves, contidos em seu livro *Exíguas* (2016), e discorrer sobre a perspectiva que se estabelece acerca do referido tema em textos da atualidade. Para tanto, dissertou-se a respeito da ideia de feminilidade fixada pela Igreja Católica no imaginário dos sujeitos ao longo dos anos, subsidiada teoricamente por Lemos (2007), Perrot (2007), Robles (2019) e outros. Assim, trata-se de uma investigação de abordagem qualitativa que permitiu concluir que, nos poemas intitulados acima, Chaves representa a mulher a partir do modelo estabelecido pela Religião Católica Romana quanto à: submissão da mulher ao homem; figura feminina associada ao pecado e à procriação; maternidade e virgindade feminina. Tal conclusão confirma a hipótese inicial do trabalho.

Palavras-chave: Religião Católica Romana; Representação Feminina; *Exíguas*.

ABSTRACT: This study aims to identify the presence of the woman model established by Roman Catholic religion in Genesis poems (1942), Antigênese (1942) and The Aparecida Bell (1946) by the Ceará writer Osvaldo Chaves, contained in his book *Exiguous* (2016), and talk about the perspective that is established on that topic in current texts. Therefore, it was discussed about the idea of femininity fixed by the Catholic Church in the subjects' imagination over the years, theoretically subsidized by Lemos (2007), Perrot (2007), Robles (2019) and others. Thus, it is an investigation of a qualitative approach that allowed us to conclude that, in the poems titled above, Chaves represents women from the model established by the Roman Catholic Religion as to: submission of women to men; female figure associated with sin and procreation; maternity and female virginity. This conclusion confirms the initial hypothesis of the study.

Keywords: Roman Catholic Religion; Female Representation; *Exiguous*.

1. Introdução

¹ Universidade Federal do Ceará. E-mail: priscilamagpereira@gmail.com

² Universidade Federal do Ceará. E-mail: maryepoesia@gmail.com



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 21-12-2021 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5084>

É comum a todos os povos, independente do momento histórico do qual fazem parte, a necessidade de compreender como se deu a origem do mundo e a criação do ser humano. As religiões, de uma forma geral, buscam responder essas e outras questões ao longo do tempo. Mas, o que é religião? Sandra Duarte de Souza (2004, p.122-123), em seu trabalho *Revista Mandrágora: Gênero e Religião nos Estudos Feministas*, diz:

A religião é, antes de tudo, uma construção sócio-cultural. Portanto, discutir religião é discutir transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia; é adentrar num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesse, na dinâmica da oferta e da procura; é deparar-se com um sistema sócio-cultural permanentemente redesenhado que permanentemente redesenha as sociedades.

Na citação, Souza (2004) se refere à religião como “uma construção sócio-cultural” que, passando diferentes períodos históricos, deixa-se modificar por eles, mas também contribui para estabelecê-los como são. Portanto, para discuti-la é preciso estar atento às relações “de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia;”. A discussão em torno da religião e das relações de gênero é o que interessa a este trabalho, sobretudo a maneira como a mulher é instituída no âmbito das religiões.

Em uma das versões dos mitos de origem definidos pelos povos greco-romanos e que se encontra descrito na obra *O Livro de Ouro da Mitologia*, de Thomas Bulfinch (2002), a primeira mulher, Pandora, fora criada por Júpiter, no céu, e enviada a Prometeu e Epimeteu, que viviam na terra, “[...] para puni-los pela ousadia de furtar o fogo do céu, e ao homem, por tê-lo aceito.” (p. 20). Ao ser feita, cada um dos deuses contribuiu com algo para seu aperfeiçoamento. “Vênus deu-lhe a beleza, Mercúrio, a persuasão, Apolo, a música etc.” (p.20). Essa versão diz ainda que Pandora abriu uma caixa onde Epimeteu guardava artigos malignos e os espalhou pelo mundo, ficando apenas a esperança. O referido mito retrata a criação da mulher fundamentada na punição, no castigo, sendo-lhe atribuída a responsabilidade pelos males que estão sobre a terra.

Outra história de origem que narra sobre os primeiros habitantes é a judaico-cristã de Adão e Eva, em que a mulher é a responsável pela entrada do pecado no mundo, por ter comido o fruto da árvore proibida por Deus e levado o homem a comer também. Depois dessa ação feminina, o



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 21-12-2021 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5084>

trabalho, a fome, a morte e a dor passaram a fazer parte da realidade humana. Até mesmo a procriação passou a ser permeada de sofrimento e a mulher foi predestinada a ser submissa ao homem. Isso pode ser verificado na citação:

Viu pois a mulher, que a árvore era boa para comer, e formosa aos olhos, e deleitável à vista: e tirou do fruto dela, e comeu e deu a seu marido, que também comeu. No mesmo ponto se lhes abriram os olhos; e tendo conhecido que estavam nus coseram umas folhas de figueira, e fizeram para si umas cintas. [...] E o Senhor Deus chamou por Adão, e lhe disse: Onde estás? Respondeu-lhe Adão: Eu ouvi a tua voz no paraíso, e tive medo, porque estava nu; e por isso me escondi. Disse-lhe Deus: Donde soubeste tu que estavas nu, senão porque comeste da árvore de que eu tinha ordenado que não comesses? Respondeu Adão: a mulher, que tu me deste por companheira, deu-me da árvore, e eu comi. [...] Disse também à mulher: Eu multiplicarei os teus trabalhos, e os teus partos. Tu em dor parirás teus filhos, e estarás sob o poder de teu marido, e ele te dominará. (BÍBLIA SAGRADA, 2010, p.18).

Essas e outras representações da mulher pelas religiões é algo que se fixa no imaginário coletivo das pessoas e contribui para delimitar o espaço social atribuído à figura feminina ao longo dos anos. Sendo a literatura uma arte engajada socialmente, muitas vezes, consciente ou inconscientemente, reproduz os estereótipos femininos estabelecidos pelas religiões, colaborando na sua manutenção.

Verifica-se, a partir dos dois relatos de origem, que a mulher sempre esteve subjugada, desde o início dos tempos, dentro das narrativas que ultrapassaram as tradições difundidas na oralidade e alcançaram a escrita literária, propagando-se até o presente. O silenciamento feminino pode ser identificado nos discursos das diversas áreas do saber: na filosofia, na história, na sociologia, na antropologia e, dentre tantas outras, na literatura. Assim é que surge a necessidade de analisar cautelosamente o modo como a figura feminina, em âmbito literário, se apresenta na atualidade, refletindo sobre as mudanças e permanências de modos de pensar a imagem da mulher.

Para demarcar o estudo aqui desenvolvido, deteve-se ao modelo de mulher estabelecido pela Religião Católica Romana. Dessa forma, o objetivo deste ensaio não é ditar se o referido modelo está certo ou errado, mas discorrer sobre ele e localizá-lo na obra literária. Por isso, almeja-se identificar a presença do modelo de mulher estabelecido pela Religião Católica Romana nos



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 21-12-2021 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5084>

poemas “Gênesis” (1942), “Antigênesis” (1942) e “O Sino de Aparecida” (1946), do escritor cearense Osvaldo Chaves³, contidos em seu livro *Exíguas*⁴ e discorrer sobre a perspectiva que se estabelece acerca do referido tema em textos da atualidade.

Para isso, dissertou-se sobre a ideia de feminilidade estabelecida pela Religião Católica Romana e fixada no imaginário dos sujeitos ao longo dos anos. A investigação aqui realizada é de abordagem qualitativa e está fundamentada na hipótese de que, nos três poemas citados, Chaves representa a mulher a partir do modelo estabelecido pela Religião Católica Romana quanto à: submissão da mulher ao homem; figura feminina associada ao pecado e à procriação; maternidade e virgindade feminina.

Portanto, trata-se de um estudo relevante que contribuirá para futuras pesquisas na área, porque analisa a representação feminina numa obra literária ainda pouco conhecida no âmbito da academia, mas, principalmente, une os estudos da literatura de representação feminina ao campo da religião, pois “quando há o cruzamento de religião e gênero, muito pode ser discutido.” (BASTOS, 2009, p.156).

2. A feminilidade do Catolicismo Romano

Fernanda Lemos (2007), em seu artigo “*Se deus é homem, o demônio é [a] mulher!*”: *A influência da religião na construção e manutenção das representações de gênero*, defende que “no campo religioso o dualismo aparece enquanto elemento estruturador das relações sociais de sexo”

³ Osvaldo Carneiro Chaves, mais conhecido como padre Osvaldo, nasceu de Granja-Ce, no dia 21 de outubro de 1923. cursou filosofia e teologia no Seminário Maior de Fortaleza. Em 1951, na Catedral de Sobral, é ordenado sacerdote por Dom José Tupinambá da Frota. No seminário de Sobral, iniciou o magistério como professor de português, francês e música. Concluiu licenciatura pura em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí em 1971. Aposentou-se como professor de Língua Portuguesa no Colégio Sobralense em 1981. Teve duas obras publicadas: *Exíguas* (1986) e *Coletânea de Sermões* (2018). Faleceu em Sobral no início de 2020 e foi enterrado no cemitério de sua terra natal. Sua obra literária, embora ainda pouco conhecida, já possui um relevante espaço entre a crítica cearense.

⁴ O livro *Exíguas* consiste em uma coletânea onde estão reunidos todos os poemas de Pe. Osvaldo. Sua primeira edição foi em 1986; depois, veio a segunda edição em 2007 e a terceira em 2016. Na primeira, os poemas são divididos em quatro capítulos: *Reta Horizontal*; *Reta Vertical*; *Sinuosa Oblíqua e Estudos*. Na segunda edição é acrescentado o capítulo cinco, intitulado *Exíguas 2*, onde estão 28 novos poemas que tratam de diferentes temáticas. Na terceira, foram acrescentados, no capítulo seis, com nome de *Exíguas 3*, mais 7 poemas que também são diversificados quanto ao formato e a temática. O último poema da terceira edição foi escrito em 18 de março de 2016, chama-se *Numa Urna* e possui apenas três versos.



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 21-12-2021 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5084>

(p.115). Para ela, os discursos religiosos, construídos de forma dual, são interiorizados no imaginário coletivo dos sujeitos e influenciam diretamente as relações sociais de sexo presentes no cotidiano.

Após essa afirmação, Lemos (2007) exemplifica seus argumentos, utilizando-se da tradição judaico-cristã. Neste ensaio serão utilizados exemplos do Catolicismo Romano que é uma religião cristã de origem judaica. O estudo em questão está teoricamente embasado por Lemos (2007), Perrot (2007), Robles (2019) e outros.

Cada religião, com tudo que a ela compete, consiste em algo sagrado para o povo que dela faz parte. Seus mitos de origem, livros e rituais são inquestionáveis aos olhos dos fiéis, que os transmitem às futuras gerações. O mito católico de origem do mundo e criação do ser humano é o mito judaico-cristão de Adão e Eva, que está contido no livro de Gênesis, o primeiro entre os demais que compõem a Bíblia Sagrada Cristã, formada pelo Antigo e Novo Testamento.

O Antigo Testamento é uma coleção de 46 livros onde encontramos a história de Israel, o povo que Deus escolheu para com ele fazer uma aliança. Portanto, o Antigo Testamento é a história de um povo: mostra como surgiu, como viveu escravo no Egito, como possuiu uma terra, como foi governado, quais as relações que teve com outras nações, como possuiu uma terra, como foi governado, quais as relações que teve com outras nações, como estabeleceu as suas leis e viveu a sua religião. [...] E foi à luz do Antigo Testamento que os primeiros cristãos compreenderam o significado da pessoa e da atividade de Jesus e produziram, pouco a pouco, os escritos do Novo Testamento (ao todo, 27 livros). (BÍBLIA SAGRADA, 2010, p.14).

No mito presente em Gênesis, durante seis dias, Deus firmou a terra, separando-a do mar; criou o céu, todas as espécies de plantas e animais e viu que tudo era bom, mas faltava alguém para usufruir e cuidar de tudo isso. Então, Deus resolveu criar o homem a sua imagem e semelhança. E para que ele não vivesse sozinho, criou, em seguida, a mulher a partir de uma das costelas do homem.

Formou, pois, o Senhor Deus ao homem do barro da terra, e inspirou no seu rosto um assopro de vida, e foi feito o homem em alma vivente. [...] Disse mais o Senhor



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 21-12-2021 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5084>

Deus: Não é bom que o homem esteja só: façamos-lhe um adjutório semelhante a ele. [...]. Infundiu pois o Senhor Deus um profundo sono a Adão: e quando ele estava dormindo, tirou uma das suas costelas, e encheu de carne o lugar donde se tinha tirado. E da costela que tinha tirado de Adão formou o Senhor Deus a mulher, e a trouxe a Adão. (BÍBLIA SAGRADA, 2010, p.17-18).

Fazendo parte do imaginário coletivo dos povos ao longo dos tempos, essa narrativa de criação da mulher contribuiu para delimitar historicamente seu espaço de dependência em relação ao homem, pois dependeu da costela dele para ser feita.

Deus entregou a Adão e Eva toda sua criação, mas os proibiu de comer o fruto da árvore que estava no meio do jardim, pois “em qualquer dia que comeres dele, morrerás [...]” (p.17). A serpente, simbolizando o inimigo de Deus, persuadiu a mulher a comer o fruto proibido. Percebendo que tinha desobedecido a Deus, Eva convence Adão a comer também, e, de repente, eles se dão conta de que estão nus. Por causa da desobediência da mulher, Deus multiplica seus trabalhos e seus partos, tornando-a submissa ao poder do homem/marido que a dominará. Essa parte do mito apresenta a figura feminina associada ao pecado e à procriação, tendo, portanto, que ser submissa ao homem/marido.

Isso certamente contribuiu para a modelagem social dos sexos, historicamente construída, e para a origem do pensamento social patriarcal, que é sempre o homem quem domina, até mesmo porque Deus, comandante do mundo, é uma figura masculina. Nesse contexto, a mulher é destinada a exercer a importante função de manutenção da espécie humana.

No imaginário religioso contemporâneo, a figura mitológica de Adão e Eva representa a legitimidade das relações sociais de sexo e suas representações hegemônicas. Nesse caso, o mito demonstra que as representações sociais instituídas por deus no paraíso eram perfeitas, até que a harmonia é rompida pela desobediência feminina a divindade. A consequência desse mito é a eterna culpabilização da mulher no que diz respeito aos desajustes e conflitos sociais decorrentes dos processos históricos da humanidade. (LEMOS, 2007, p. 115)

Martha Robles (2019), em *Mulheres, mitos e deusas*, afirma que a tradição religiosa cristã da atualidade “agregou - e reforçou - a personalidade culpada de uma Eva que, em sua irreflexão, é



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 21-12-2021 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5084>

levada pelo diabo a pecar” (ROBLES, 2019, p.39). Nota-se o paradoxo na construção de uma imagem que ao mesmo tempo em que é frágil, por se deixar levar pela perseguição demoníaca, absorve o poder maligno e tem a artimanha de seduzir o seu parceiro a comer do fruto proibido. Tudo o que acontece nesse instante de desobediência acarreta uma série de malefícios para a humanidade que serão eternos. Portanto, a responsabilidade sobre boa parte da dor que permeia o mundo seria, nessa perspectiva, atribuída à figura feminina.

Há algo de pertinente na interpretação da história de Eva. Ainda de acordo com Robles (2019, p.39), a personagem bíblica tem uma “imagem controvertida”, isso porque, “apesar de tudo, na presumida debilidade implícita de Eva caminha a liberdade de tomar suas próprias decisões”. Portanto, mesmo com uma “experiência espiritual vivificante e profana”, agiu de maneira autêntica. Ela contraria as exigências divinas para viver sob a sua própria escolha, seja optando pelo bem ou pelo mal.

Por isso, Lemos (2007, p. 115) afirma que “Eva é a representação do feminino enquanto figura demoníaca, em consequência da ‘desobediência feminina’ diante de duas figuras masculinizadas: deus e o homem”.

Entretanto, para a Religião Católica Romana o modelo de mulher não se restringe à Eva, mas se estende à Maria, a mãe de Jesus. E se Eva representa a mulher como figura demoníaca, Maria representa a maternidade, pois se torna mãe da humanidade, porque é por meio dela que a salvação entra no mundo.

O Novo Testamento da Bíblia Sagrada narra sobre a vida de Jesus e sua missão salvadora. Deus escolheu uma mulher jovem e virgem para ser a mãe do seu filho. Ela disse sim e se fez obediente a esse projeto a vida toda. Seu silêncio, pureza e castidade são exaltados pelos adeptos do Catolicismo que a consideram a mulher mais importante de todos os tempos. A figura de Maria estabeleceu um modelo de mulher a ser seguido: aquela que é virgem, santa, silenciosa, obediente e capaz de abdicar do seu projeto pessoal para viver a maternidade.

E, estando Isabel no sexto mês, foi enviado por Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão que se chamava José, da casa de David, e o nome da virgem era Maria. E entrando, pois, o anjo onde ela estava, disse-me: Deus te salve, cheia de graça; o Senhor é contigo; benta és tu entre as mulheres. Ela, como o ouviu, turbou-se de seu falar, e discorria pensativa que saudação seria esta.



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 21-12-2021 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5084>

Então o anjo lhe disse: Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás no teu ventre, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus; [...] Então disse Maria: Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo se apartou dela. (BÍBLIA SAGRADA, 2010, p. 831)

Porém, para a Igreja Católica, Maria não foi apenas uma mulher obediente a um projeto de salvação. Ela participou ativamente dele, tornando-se líder dos discípulos no dia de pentecostes, quando Jesus já havia subido ao céu e o Espírito Santo desceu sobre eles, e estabelecendo autoridade sobre a figura masculina de Jesus na passagem das bodas de Caná, onde por ordem de sua mãe, Jesus realizou seu primeiro milagre, transformando água em vinho. Há aqui, ainda que timidamente, traços de um modelo de liderança e autoridade feminina.

Mas, essas características de Maria não foram as que predominaram no modelo de mulher estabelecido pela Religião Católica, e sim, sua virgindade e maternidade, fixando-se no imaginário dos sujeitos, principalmente durante a Idade Média, período em que a Igreja Católica tinha grande influência religiosa, social e até mesmo política. Sobre isso, Michelle Perrot (2007, p.44) nos diz em seu livro *Minha história das mulheres*:

A virgindade das moças é cantada, cobiçada, vigiada até a obsessão. A Igreja, que a consagra como virtude suprema, celebra o modelo de Maria, virgem e mãe. Os pintores da Anunciação, grande tema medieval, representam o anjo prosternado no quarto da jovem virgem, diante de seu leito estreito. Essa valorização religiosa foi laicizada, sacralizada, sexualizada também: o branco, o casamento de branco, no Segundo Império, simboliza a pureza da prometida.

Segundo Robles (2019), antes dos séculos V e VI d.C, não se cultivava a veneração mariana. Ao invés desta, as deusas helênicas permeavam imaginários de diferentes crenças das sociedades. Foi em 431, no *Concílio de Éfeso*, que se debateu os principais dogmas da Igreja Católica: “o da Santíssima Trindade e o da virgindade e assunção de Maria”. Nesse momento, Maria foi consagrada Mãe de Deus:



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 21-12-2021 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5084>

Mais do que registrar um evento litúrgico, por meio daquela conquista espiritual, a história sintetizou uma variada devoção feminina que, desde o legendário mediterrâneo até os confins do Ocidente europeu se transformou na glorificação de uma maternidade prodigiosa, modelo de humildade universal e de obediência à mensagem divina, que atravessou a cristandade católica sob a insígnia da Imaculada Conceição de Maria. (ROBLES, 2019, p.298)

Maria, mãe de Jesus, é uma imagem necessária ao contexto do mundo ocidental. Não se trata de uma memória difundida naturalmente pelos anseios cristãos, mas de uma ideia-modelo que, assim como Eva, passou a ter grande valia para a educação religiosa. Enquanto Eva representava a origem do pecado e o exemplo da desobediência, Maria surge como figura oposta, expressão da obediência. Diversas “protagonistas de credos e costumes passados foram substituídas por uma figura frágil e sutil” (ROBLES, 2019, p.299), por isso a ideia da sintetização. “Era preciso apagar de forma gradual as sombras trágicas de Jocasta, Electra, Medeia, Antígona e Cassandra” (idem), por exemplo. A santa imagem mariana representa “a graça por excelência, o rosto da sabedoria, o silêncio e, acima de tudo, a misericórdia suprema” (idem).

Duby e Perrot (1992), em *Imagens da Mulher*, confirmam a ideia da escolha da imagem de Maria para representar uma feminilidade sem manchas. A Virgem, com o Menino no colo, faz do seu corpo “o trono de Deus”. Muitas vezes, essa imagem foi metaforicamente associada à Igreja, “esposa de Cristo”.

Ainda na Idade Média, os santos cultuados pela Igreja Católica eram homens em sua maioria. Isso pode ser verificado nas crônicas medievais e nas vidas dos santos, pois neste aspecto “fala-se mais de santos do que de santas. Além disso, os santos agem, evangelizam, viajam. As mulheres preservam sua virgindade e rezam. Ou alcançam a glória do martírio, que é uma honra suntuosa.” (PERROT, 2007, p.18). Assim, através dos relatos desse período histórico é possível perceber que a mulher sempre ocupou um lugar diferente do homem dentro da Religião Católica.

Contudo, sendo a Religião Católica Romana “uma construção sócio-cultural” (SOUZA, 2004, p.122), sofreu grandes transformações ao longo do tempo, inclusive em seu padrão de feminilidade. Dessa forma, observando tal religião, atualmente, muitas são as mulheres canonizadas na história da Igreja, entre elas e bem recente, irmã Dulce, canonizada com o título de Santa Dulce dos Pobres e também denominada anjo bom da Bahia, por ter nascido em Salvador.



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 21-12-2021 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5084>

Outra mudança ocorrida na Igreja Católica foi com relação a vocação à vida religiosa feminina que não é mais restrita aos muros dos conventos, mas se estende aos serviços sociais e missionários. Apesar dessas mudanças, continua sendo permitida apenas ao padre a celebração da Santa Missa.

Hoje, as fiéis leigas podem servir à Igreja como catequistas, missionárias, cantoras, participantes, líderes de grupos eclesiais e, ao mesmo tempo, trabalhar e ser mãe solteira. Porém, para determinadas situações, ainda há algumas restrições fundamentadas nos documentos e normas que regem essa instituição religiosa e que, por fazerem parte da sua verdade de fé, tornam-se inalteráveis. Um exemplo é o aborto induzido que, para o Catolicismo, trata-se de um pecado mortal inaceitável em qualquer que seja a circunstância.

Um recente exemplo dessas transformações a favor da mulher dentro da Igreja Católica é a nomeação de seis mulheres para o Conselho Econômico do Vaticano, feita pelo Papa Francisco, no dia seis de agosto de 2020. Essa ação vai ao encontro da promessa feita pelo pontífice de buscar um maior equilíbrio de gênero nas funções administrativas da Cidade-Estado. Foi o maior número de mulheres já nomeado de uma só vez para cargos no Vaticano. Até então, o referido conselho, que tem 15 vagas, era composto apenas por homens. (Jornal O Globo, 2020).

Dessa forma, o modelo de mulher – submissa ao homem; associada ao pecado e à procriação; virgem e mãe - estabelecido pela Igreja Católica ao longo dos anos sofreu tímidas modificações, mas, como fora fixado no imaginário dos sujeitos há muito tempo, perpassando diversos períodos históricos, permanece influenciando nas relações sociais de gênero e isso se estende às produções artísticas, entre elas, a literatura.

Portanto, conforme foi dissertado, o modelo de mulher submissa ao homem e associada ao pecado e à procriação foi fixado no imaginário dos sujeitos a partir do mito de Adão e Eva. Já o modelo de maternidade e virgindade, através da figura de Maria, pois sua função não era a de perpetuar a espécie humana como Eva, mas a de salvar o mundo a partir da sua vocação de mãe.

Assim, foi baseada nas histórias de Eva e Maria que a Igreja Católica estabeleceu seu conceito de feminilidade às sociedades, no decorrer da história, estando ele presente nas obras literárias produzidas em diferentes épocas, sendo por elas reforçado.

3. O modelo de mulher estabelecido pela Religião Católica Romana em *Exíguas*



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 21-12-2021 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5084>

No presente tópico deste ensaio será identificada a presença do modelo de feminilidade estabelecido pela Religião Católica Romana nos poemas “Gênesis” (1942), “Antigênesis” (1942) e “O Sino de Aparecida” (1946), do escritor Osvaldo Chaves.

Gênesis

Eloim sobre o caos profere o brado
Da criação: Faz-se a terra encantamentos,
E eis levadas as ondas pelos ventos
Pastando a espuma em flor do salso prado.

Tudo é aroma e canções! E o céu, bordado
De pássaros, estrelas, sóis, portentos,
Vê dos ásperos campos poeirentos
Erguer-se o humano vulto sublimado.
Diz Deus ao rei da natureza inteira:
“É bom que o homem tenha companheira!”
Disse e foi logo a augusta Sapiência

Ferindo o tronco da viril beleza,
Dele arrancando a flor da natureza,
A mulher – alegria da existência.

(CHAVES, 2016, p. 187)

O poema *Gênesis* versifica o mito de criação judaico-cristão de Adão e Eva. Na primeira estrofe, “Eloim”, Deus em hebraico, em meio ao “caos profere o brado”, dá o grito da criação. Cria a terra, o mar, que é separado dela pelo vento, e toda espécie de plantas. Na estrofe seguinte, o eu lírico descreve a criação do céu, das aves, de todos os astros celestes e do homem, que a partir “dos ásperos campos poeirentos”, ou seja, do pó, Deus fez “erguer-se o humano vulto sublimado.”.

Na terceira estrofe, Deus percebeu que não era bom ao “rei da natureza inteira” viver sozinho, “ ‘É bom que o homem tenha companheira!’ ”, e consultando à sua santa sabedoria, feriu o corpo “da viril beleza” masculina e dele faz surgir a mulher, “flor da natureza” e “alegria da existência”, como retrata a quarta estrofe.



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 21-12-2021 Publicado em: 31-01-2021
DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5084>

Dessa forma, a criação da mulher se origina da necessidade de companhia por parte do homem, sendo atribuída a ela a função de acompanhá-lo e segui-lo, sem possibilidade de escolha.

Assim, tendo sido feita de uma parte física dele, sua costela, a mulher se torna dependente e submissa ao homem, pelo fato de sua criação está em tudo associada a ele, e ainda que Chaves cante seus atributos, a denominando “flor da natureza” e “alegria da existência”, seu poema aborda e reforça o modelo de submissão feminina à figura masculina, estabelecido pela Igreja Católica Romana através do mito de Adão e Eva e fixado no imaginário coletivo dos povos ao longo dos anos.

Antigênesis

Ei-la em gritos de dor, trajando luto,
Blasfemando e em furor rangendo os dentes
Entre chamas larvais, incandescentes,
Por ter negado do seu ventre o fruto.

Atfando ao peso esmagador e bruto
Do remorso, nas pernas impotentes
Do infausto amigo enrosca quais serpentes
O tronco e os membros. E a tremer, lhe escuto

Do desespero o grito pavoroso,
Ao vê-la assim nesse infernal furor
Morder as carnes do infeliz esposo

E, os olhos retorcendo hediondamente,
Lacerar-se a si própria... Ó Deus, que horror!
É possível sofrer eternamente?

(CHAVES, 2016, p. 188)

A palavra *gênesis* significa origem, e originar é dá vida a algo. Assim, *antigênesis* quer dizer aquilo que é contrário à vida, ao nascimento, que valoriza, portanto, a morte. É exatamente isso que é abordado nos versos do poema acima.

Na primeira estrofe, o eu lírico apresenta o sofrimento de uma mulher, que usando trajes de luto e entre “chamas larvais”, fica a blasfemar e a ranger os dentes “por ter negado do seu ventre o



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 21-12-2021 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5084>

fruto.”. O ambiente onde ela se encontra remete à ideia do inferno, visto pela Religião Católica Romana como o lugar para onde irão as pessoas que descumprirem os ensinamentos de Cristo.

A expressão “ranger de dentes” é bastante citada por Jesus no Novo Testamento, quando se refere ao destino de sofrimento dos que praticam o mal. Assim, a análise em questão compreende que a mulher descrita pelo eu lírico se encontra no inferno por ter negado seu filho ainda durante a gestação, podendo isso ser interpretado como a interrupção proposital da vida do filho pela mãe, que define a prática do aborto induzido, condenado pela fé Católica como pecado mortal e passaporte seguro para o vale das trevas.

Nas demais estrofes há uma intensificação do sofrimento dessa mulher, que com remorso se “enrosca quais serpentes” ao corpo do seu marido e morde sua carne, entre gritos de pavor e desespero. A presença das serpentes e do marido atacado pela esposa, que cometeu um grande pecado, lembra o mito de Adão e Eva, sendo a mulher do poema osvaldiano comparada à Eva e ao próprio demônio, quando Chaves a assemelha às serpentes, que no referido mito simboliza o inimigo de Deus.

Essa representação de Eva, e consequentemente da mulher, enquanto figura demoníaca foi defendida por Lemos (2007) e já trabalhada no tópico anterior deste ensaio. Por fim, expondo uma mulher deformada e despedaçada, em profundo sofrimento, o eu lírico se questiona: “É possível sofrer eternamente?”, há fim na dor causada por um pecado tão grande?

Dessa forma, em *Antigênesis* há o modelo de feminilidade associada ao pecado e à procriação, estabelecido pela Igreja Católica Romana, pois é atribuída a essa mulher a mancha do pecado por ter interrompido propositalmente sua gravidez, negando-se à reprodução e à perpetuação da espécie humana, o que invalida sua primitiva função de procriar.

O Sino da Aparecida

Saio
Ouço um grito de luz na tarde roxa:
A brancura da igreja
Alveja
Na toalha do campo verde-gaio.
E o sino da capelinha
Lembra à gente o mês de maio.



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 21-12-2021 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5084>

Vem-se aproximando o povo
Nos seus trajes noveneiros,
Alegres e prazenteiros,
Tudo alegre, tudo novo.

Vestidos de pano cru
Passam fazendo frufu.
Vestidos novos de chita
Vão dizendo adulação
Às caboclas do sertão,
Cada qual a mais bonita.

E o sino da igreja
Vai tocando, vai chamando,
Vai cantando em ladainha:
“De Davi filha mimosa
Na cor branca e no perfil,
Fez-te morena formosa
O ar e o sol do Brasil.
Virgem morena,
Virgem Maria,
Tão bonita e parecida
Com as morenas da Bahia.

Virgem morena
Da estirpe de Davi:
Bonita e tão brasileira
Como as caboclas daqui!”

Sino enxerido,
Sinozinho noveneiro:
Dobra a língua, malcriado,
Dá-te a respeito primeiro!

Mas o sino nem se importa...
Naquela vozinha sua
O teimoso continua:
“Senhora do mundo inteiro,
Senhora nossa também:
Nossa Senhora já tem
Sangue preto brasileiro!

Minha Nossa Senhora
De capa de asperges,
Mais bela quem viu?
Virgem Mãe Aparecida
Parecida
Com as morenas do Brasil...”



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 21-12-2021 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5084>

Sinozinho malcriado,
Psiu!
Respeita Nossa Senhora,
Padroeira do Brasil!

(CHAVES, 2016, p. 147)

O poema acima canta a padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, a Virgem Maria brasileira, que em sua cor morena representa a mulher brasileira. “De Davi filha mimosa/ Na cor branca e no perfil, / Fez-te morena formosa/ O ar e o sol do Brasil [...]”

Nas três primeiras estrofes o eu lírico apresenta um cenário simples e religioso, uma igreja branca em meio ao verde do campo, que o remete ao mês de maio, dedicado a Maria na Religião Católica. Assim, descreve a alegria dos devotos em seus trajes de novena e as bonitas caboclas do sertão, cujos vestidos vão confirmando tal beleza.

As estrofes seguintes trazem muitos adjetivos atribuídos a Nossa Senhora: “mimosa”, “morena”, “formosa”, “virgem”, “bonita”, “mais bela”, “mãe”. Na medida em que essas características são destinadas à Maria, o eu lírico a compara às mulheres (caboclas/ morenas) da Bahia/do Brasil.

Com isso, ele busca exaltar as virtudes de Nossa Senhora Aparecida e valorizar a mulher brasileira, mais especificamente a de pele morena (cabocla), reforçando o modelo feminino de virgindade e maternidade estabelecido pela Religião Católica Romana. “Minha Nossa Senhora/ De capa de asperges, /Mais bela quem viu? /Virgem Mãe Aparecida/ Parecida/ Com as morenas do Brasil...”.

Se Maria é “Virgem Mãe” e por isso não há mulher mais bela, e se ela é parecida com “as morenas do Brasil”, reforça-se, assim, a ideia de que as morenas brasileiras, podendo ser estendido a todas as mulheres, também devam preservar a virgindade e a maternidade, pois somente nisso está a verdadeira beleza e virtude feminina. Dessa forma, consciente ou não, encontra-se presente nesse poema tal modelo de feminilidade estabelecido pelo Catolicismo Romano, por meio da pessoa de Maria, virgem e mãe de Jesus.

Portanto, pode-se perceber que o escritor cearense Osvaldo Chaves reforça, em seus poemas aqui analisados, o modelo de feminilidade estabelecido pela Igreja Católica ao longo da história e



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 21-12-2021 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5084>

discutido neste ensaio, que é a imagem da mulher submissa ao homem; associada ao pecado e à procriação; virgem e mãe.

4. Considerações finais

A Igreja Católica Apostólica Romana, através das histórias presentes na Bíblia Sagrada que versam sobre Eva, primeira mulher criada por Deus, e Maria, virgem escolhida para ser a mãe de Jesus Cristo, estabeleceu um modelo de feminilidade fixado no imaginário dos sujeitos ao longo do tempo. Através do mito de Adão e Eva a mulher foi historicamente associada ao pecado e à procriação, passando a ser submissa ao homem conforme o modelo social patriarcal. Na pessoa de Maria, acrescentou-se a esse modelo a preservação da virgindade feminina e o exercício da maternidade.

Após ser dissertado sobre o modelo católico de feminilidade, em parte subsidiado teoricamente pelos trabalhos de Fernanda Lemos (2007), em *“Se deus é homem, o demônio é [a] mulher!”: A influência da religião na construção e manutenção social das representações de gênero*, Michele Perrot (2007), em *Minha História das Mulheres* e Martha Robles (2019), em *Mulheres, mitos e deusas*, buscou-se identifica-lo nos poemas osvaldianos “Gênesis” (1942), “Antigênesis” (1942) e “O Sino de Aparecida” (1946).

A partir disso, constatou-se que Chaves traz o modelo de mulher estabelecido pela Igreja Católica Romana em seus poemas. “Gênesis” reforça a submissão da mulher ao homem; em “Antigênesis” a figura feminina está associada ao pecado e à procriação, e em “O Sino de Aparecida” o poeta canta Nossa Senhora Aparecida, comparando-a às mulheres brasileiras, que como Maria, devem valorizar a virgindade e a maternidade para possuírem a verdadeira beleza e virtude feminina.

Referências

BASTOS, Ivana Silva. **A Visão do Feminino nas Religiões Afrobrasileiras**. CAOS, 2009, n. 14, p. 156-165.



ISSN: 1981-0601
v. 13, n. 2 (2020)



Recebido em: 18-11-2020 Aprovado em: 21-12-2021 Publicado em: 31-01-2021

DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5084>

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia**: Histórias de Deuses e Heróis. Tradução de David Jardim Júnior. 26 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CHAVES, Osvaldo. **Exíguas**. 1ª ed. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986. 199 p.

LEMOS, Fernanda. “Se deus é homem, o demônio é [a] mulher!”: A influência da religião na construção e manutenção social das representações de gênero. *Artemis*, 2007, v. 6, p. 114- 124.

O GLOBO, Jornal. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/de-uma-so-vez-papa-nomeia-seis-mulheres-para-conselho-economico-do-vaticano>. Acesso em: 24 de agosto de 2020.

PERROT, Michele. **Minha História das Mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michele; DUBY, Georges. **Imagens da mulher**. Porto: Edições Afrontamento, 1992.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**: o feminino através dos tempos. Tradução de William Lagos, Débora Dutra Vieira. 3. Ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SAGRADA, Bíblia. Traduzida em português da Vulgata Latina por Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: DCL, 2010.

SOUZA, Sandra Duarte de. **Revista Mandrágora**: Gênero e Religião nos Estudos Feministas. *Estudos Feministas*, 2004, n. 12, p. 122-130.